



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1399

BALDASSARE CASTIGLIONE E A LITERATURA DE VALORIZAÇÃO DA FEMINILIDADE NO ALVORECER DA MODERNIDADE

Patrícia Govaski.
Universidade Federal do Paraná

Resumo: Os tratados humanistas voltados à educação ou modulação comportamental refletem mudanças de grandes proporções nas relações de sociabilidade que se estabeleceram nas cortes europeias na transição do Medievo para a Modernidade. Pautados em uma tradição de escrita clássica e medieval, esses escritos visavam o controle e a perfeição para uma sociedade caracterizada por uma ininterrupta circulação de grupos e indivíduos numa ordem social mais aberta. Assim, elementos como o gestual, as regras de vestuário, as expressões faciais, o comportamento externo dos indivíduos, dentre outros, não escaparam ao exame e crítica dos autores desses textos. Utilizando o gênero como uma categoria de análise historiográfica, a presente proposta de comunicação tem como objetivo apresentar a valorização da figura e das capacidades intelectuais femininas na obra de Baldassare Castiglione. Para esse fim, utilizaremos como fonte principal o terceiro capítulo d'**O Cortesão**, obra publicada no ano de 1528, com o objetivo de construir um modelo exemplar de indivíduo, pautado em um ideal de perfeição e no controle social das emoções. Assim, esta proposta tem por objetivo apresentar a interlocução existente entre o livro e as ideias de Castiglione com uma tradição de escrita enaltecida da feminilidade que precede sua obra, da qual fazem parte autores como Cristina Pizán, buscando entender seu pensamento em um contexto maior, assim como apresentar de que forma **O Cortesão** aborda e revela a existência de uma literatura de valorização da feminilidade em um espaço marcadamente masculino como as cortes renascentistas.

Palavras-chave: feminilidade; modulação comportamental; Baldassare Castiglione.

Introdução/justificativa

Os tratados humanistas voltados à educação ou modulação comportamental refletem mudanças de grandes proporções nas relações de sociabilidade que se estabeleceram nas antigas cortes europeias na transição do Medievo para a Modernidade. Nesse contexto, questões relacionadas ao

comportamento em sociedade assumiram tamanha importância e visibilidade que mesmo pessoas de extraordinário talento e renome não desdenharam em tratar desse assunto.¹

Deste modo, as publicações voltadas à modulação dos comportamentos passaram a ser impressas, a fim de atender a um público seletivo que cada vez mais desejava educar-se. Dentre os escritos de maior notoriedade que se preocuparam em definir um ideal de perfeição comportamental para as cortes renascentistas pode-se certamente citar **O Cortesão**.² Idealizado por Baldassare Castiglione e publicado no ano de 1528, esse manual tem por objetivo construir um modelo exemplar de indivíduo perfeito, pautado no controle social das emoções e em uma maneira de se portar extremamente polida e gentil.

A obra de Castiglione, entretanto, possui uma singularidade enquanto um texto pensado para os espaços de sociabilidades marcadamente masculinos que constituíam as antigas cortes principescas do século XVI: trata-se de um capítulo voltado para o comportamento da dama palaciana. **O Cortesão** não foi a primeira obra a apresentar este tipo de singularidade. Desde o trabalho de resgate da memória da atuação das mulheres levado a cabo no contexto do feminismo da segunda onda e de seu impacto sobre a historiografia, veio ao conhecimento público uma vasta documentação que expressa a preocupação com a educação e o comportamento feminino nos contextos tardo-medievais e renascentistas. No que diz respeito aos séculos XV e XVI, estas pesquisas demonstraram a existência de uma literatura destinada a enaltecer a figura e as capacidades intelectuais femininas em oposição ao pensamento misógino.³

Objetivos:

Recorte da pesquisa de monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal do Paraná durante o segundo semestre de 2014, por meio da qual procuramos investigar a existência de uma tradição de escrita

¹ ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p. 85.

² CASTIGLIONE, Baldassare. **O Cortesão**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

³ DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). **História das mulheres no Ocidente: Volume II: Idade Média**. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

enaltecedora da feminilidade no alvorecer da Modernidade, o objetivo deste trabalho será apresentar a valorização da figura e das capacidades intelectuais femininas na obra de Baldassare Castiglione. Para esse fim, utilizaremos como fonte principal o terceiro capítulo d'**O Cortesão**, onde Castiglione procurou apresentar a dama palaciana como um indivíduo dotado de inteligência e grandeza similares aos do perfeito cortesão e não apenas como uma mulher que deveria ser dotada de extraordinária beleza e de virtudes morais.

Resultados

A historiografia costuma assinalar a transição do Medievo para a Modernidade como um período marcado por profundas transformações sociais. Palco para o desenvolvimento do Humanismo, esse contexto também apresentou o estabelecimento da transição da sociedade medieval para a sociedade de corte.

Essa mudança diz respeito a um lento processo de pacificação da sociedade que se estabeleceu em território europeu entre os séculos XIV e XVI. Marcada em especial pela rejeição da violência como modo de resolução de conflitos, essa nova configuração da sociedade resultou em uma necessidade de criação de novas normas ou mecanismos voltados ao bom convívio social. De acordo com Norbert Elias, atrelada a essa questão, podemos observar mudanças significativas nas formas de conduta e de expressão das emoções humanas. Segundo o autor, a nova organização da sociedade alterou as formas de contato interpessoais expressas, sobretudo, no ambiente de corte.⁴

Como sabemos, entre os séculos XV e XVI o convívio em sociedade intensificou-se nas cortes. Nesse período caracterizado, sobretudo, por um afrouxamento da rígida hierarquia social medieval e estabilização de uma nova ordem, mediante um processo de transição da influência da antiga nobreza para uma aristocracia proveniente de outros estratos sociais, o comportamento em sociedade se tornou um elemento de preocupação fundamental na vida cotidiana das pessoas. Ainda conforme Norbert Elias, em sociedades como essas, nas

⁴ ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p. 32.

quais a aparência exterior dos indivíduos se tornava facilmente símbolo de status e prestígio, a demonstração de autocontrole transformou-se em um elemento imprescindível entre aqueles que desejavam obter notoriedade.⁵

De acordo com Renato Janine Ribeiro, por esta época, uma verdadeira cultura de refinamento dos modos passou a ser constituída e difundida no ambiente de corte. Segundo Ribeiro, o processo de intensificação das formas de relações interpessoais no espaço de corte resultou na defesa de um ideal segundo o qual a supressão de todos os modos e expressões considerados grosseiros tornou-se uma questão de vital importância para estabelecimento de uma boa forma de convívio em sociedade. Deste modo, passou a vigorar entre os membros de uma nova aristocracia a ideia de que para se tornarem indivíduos refinados não bastaria apenas demonstrar alguma preocupação no que se refere à educação formal que recebiam, como também saber expressar-se de maneira adequada em seus costumes, de modo a obter prestígio, poder e atribuições de respeito junto aos demais membros da corte e de seus governantes.⁶

Segundo Norbert Elias, na passagem do Medieval para a Modernidade, as cortes principescas tornaram-se não somente os espaços concretos de representação de uma nova cultura de refinamento dos modos, como também os centros formadores de estilos de vida considerados idéias.⁷ Assim, seja em festividades ou reuniões promovidas nesses espaços, o simples fato de integrar um determinado círculo social começou a exigir uma série de habilidades e conhecimento especiais por parte de seus membros.

Como sabemos, as antigas cortes europeias eram espaços habitados por príncipes, cortesãos, artistas, pensadores humanistas e pelas damas palacianas. Como sujeitos integrantes da sociedade de corte, as mulheres não ficaram alheias a questões vinculadas a modulação dos comportamentos. No interior dessa sociedade em transição, seja com a finalidade de obter um bom casamento ou algum auxílio em suas demais obrigações cotidianas, também se tornou

⁵ ELIAS (1993), *op. cit.*, p. 85.

⁶RIBEIRO, Renato Janine. **A etiqueta no Antigo Regime: do sangue a doce vida**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

⁷ ELIAS (1993), *op. cit.*, p. 85.

conveniente as mulheres obter outras formas de instrução para além das domésticas. Neste sentido, outros tipos de orientações voltadas à educação feminina ganharam espaço e destaque entre os membros da nova aristocracia.

Podemos perceber no interior dessas discussões a emergência da produção de discursos voltados à valorização da figura e das capacidades intelectuais feminina no quadro da tradição do humanismo e do cenário de corte.

Durante o século XIX, ao tratar a respeito do lugar ocupado pela mulher na sociedade da passagem da Idade Média para a Modernidade, Jacob Burckhardt afirmou que para a compreensão das formas mais elevadas de sociabilidade presentes no Renascimento é essencial saber que a mulher gozava da mesma consideração conferida ao homem.⁸ Para o autor, as mulheres que costumavam frequentar o espaço de corte, participando dos círculos humanistas, costumavam receber a mesma educação propiciada aos homens.

Estudos mais recentes, como os de Cláudia Optiz, revelaram que entre as classes mais elevadas da sociedade de corte, onde as mulheres se encontravam submetidas aos homens, fosse ao pai, ao marido, ou mesmo ao confessor, ainda assim poderiam obter alguma forma de instrução.⁹

Diversas formas de instruções destinadas às mulheres nesse contexto podem ser observadas entre os membros da nova aristocracia. Em algumas famílias mais abastadas, também era comum que os pais fornecessem as filhas alguma instrução formal, mediante contratação de professores destinados a ensiná-las sobre a literatura, a música, a filosofia e demais aspectos da cultura letrada do Humanismo.

Dentre os elementos que se destinaram a tratar da educação feminina nesse contexto pode-se ainda citar os manuais voltados à modulação dos comportamentos. Muitos desses textos procuraram expor o pensamento da época a respeito da educação e da figura feminina. Voltados, sobretudo, as mulheres casadas, essas obras procuraram por meio da cultura escrita fornecer orientações

⁸ BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento na Itália**. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p. 285.

⁹ OPTIZ, Claudia, O cotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500). In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (Org.). **História das mulheres no Ocidente**. Porto: Edições Afrontamento, 1990, p. 89.

e criar um modelo de mulher ideal dentro dos padrões éticos, religiosos e culturais vigentes no período renascentista. Veremos a seguir de que forma um desses manuais, escrito por Baldassare Castiglione aborda e revela uma literatura de valorização da figura feminina e suas capacidades intelectuais e morais num contexto ainda marcado pela suspeita e por uma visão bastante depreciativa em relação às mulheres, tanto do ponto de vista teológico e clerical, quanto do ponto de vista laico.

Pensador do humanismo italiano, Castiglione nasceu em Casático, localidade próxima à Mântua, no ano de 1478. Filho de um pequeno proprietário rural, cedo foi enviado à corte de Lodovico Sforza, em Milão, com intuito de aperfeiçoar seus estudos humanistas. Castiglione prestou serviço em diversas cortes e tornou-se clérigo ao final de sua vida. Segundo alguns biógrafos, **O Cortesão** foi uma obra idealizada a partir das experiências vivenciadas por seu autor nas cortes principescas, especialmente em Urbino, e por sua convivência entre os mais notáveis círculos intelectuais do Humanismo.

O processo de idealização d'**O Cortesão** foi iniciado no ano de 1508, tendo sua primeira versão concluída em 1516. Até a data de sua redação final e publicação, no ano de 1528, o livro passou por diversas transformações, assim como o próprio Castiglione. Segundo Peter Burke, as revisões feitas a partir de 1520 fizeram com que o texto se tornasse mais sério, mediante remoção de algumas passagens jocosas e adição de um quarto capítulo inspirado no neoplatonismo e na concepção do amor espiritual, bem como a descrição dos principais deveres do perfeito cortesão em servir a um príncipe.¹⁰

Escrito em forma dialógica, **O Cortesão** foi dividido em quatro partes principais, onde seus personagens procuram expressar a mais perfeita forma de cortesania. No Primeiro Livro são tratados assuntos referentes à origem e formação do cortesão perfeito, isto é, define-se qual deveria ser sua a origem social e o que este indivíduo deveria saber fazer, desde as habilidades ligadas às armas, até um determinado tipo de formação intelectual, com ênfase no conhecimento das letras, da retórica, da música e das artes figurativas. O

¹⁰ BURKE, Peter. **Fortunas d'O Cortesão**. São Paulo: UNESP, 1997, p. 48.

Segundo Livro trata da arte da convivência, da conversação e das liberdades que eram ou não permitidas no espaço da corte aos indivíduos que desejam ser chamados de perfeitos cortesãos. O Terceiro Livro se propõe a sintetizar o que foi dito anteriormente em relação ao perfeito cortesão e aplicá-lo à dama palaciana. Por fim, o Quarto Livro trata das relações entre o cortesão e o príncipe a quem serve, de maneira digna e inteligente, sem servilismo, concluindo com um belo elogio à forma mais elevada de amor: o amor espiritual inspirado n'**Os Assolani**, de Pietro Bembo, importante poeta neoplatônico e humanista toscano da primeira metade do século XVI.

Desta forma, torna-se perceptível que **O Cortesão** possui uma singularidade enquanto um texto pensado para os espaços de sociabilidades marcadamente masculinos que constituíam as antigas cortes principescas do século XVI: trata-se do capítulo voltado para o comportamento da dama palaciana. Ao tratar sobre a figura feminina, **O Cortesão** nos contrapõem duas visões possíveis a respeito das mulheres observadas nas antigas cortes principescas. A primeira dentre estas pode ser vinculada a tradição misógina, tendo como base textos clássicas, tais como os escritos de Aristóteles, e que se conservaram por todo o período medieval. A segunda é voltada a valorização da figura feminina, vista como capaz de possuir virtudes que os pensadores humanistas tanto desejavam.

Contrapondo estas duas visões, Baldassare Castiglione inova em sua obra ao defender a perspectiva de que as mulheres deviriam ser educadas de maneira a cultivar o conhecimento, além de virtudes para que conseguisse agir de forma honrada e honesta. Educar as mulheres, entretanto, não era o suficiente, pois, através dos discursos proferidos por alguns de seus personagens, Castiglione inicialmente defende a ideia de que a natureza feminina era diferente da masculina. Desta maneira, apresentando os discursos de caráter misógino, a obra defende inicialmente que as mulheres precisavam realizar um esforço muito maior para atingir uma forma de comportamento considerada perfeita entre os membros da corte.¹¹

¹¹ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 206.

Neste ponto, devemos lembrar que, até meados do século XV, a visão que muitos autores possuíam a respeito da natureza feminina era atrelada a imagens de fraqueza e imperfeição. Esta natureza refletia-se em questões físicas, emocionais e espirituais. Deste modo, Castiglione apresenta o discurso misógino sobre a natureza feminina. No interior desses discursos as mulheres eram vistas como criaturas inseguras, irracionais e inconstantes. Estas características se davam devido ao espírito feminino ser fortemente inclinado às coisas materiais.

Segundo Ana Paula Martins Pereira, de acordo com esta visão sobre a natureza feminina, as mulheres então se localizariam em um patamar abaixo dos homens. Não eram vistas como animais, mas sua ligação com o plano terreno se fazia mais forte que a dos homens, por causa de seus corpos cuja principal função era conceber filhos.¹² Desta forma, expondo o pensamento misógino, Baldassare Castiglione discursa primeiramente acerca desta ideia de imperfeição atribuída as mulheres, interpretando-as como um erro da natureza, e, portanto, incapazes de atingir um mesmo ideal de perfeição desejado aos homens.¹³

Em oposição a essas concepções, Baldassare Castiglione dá prosseguimento à obra com discursos voltados a valorização das mulheres. Deste modo, procura apresentar o gênero feminino não como um erro da natureza, mas sim enquanto um elemento natural extremamente necessário, uma vez que sem a existência feminina a humanidade jamais teria existido. Desta maneira, a obra defende a ideia de que a sociabilidade perfeita só poderia ocorrer mediante união entre o homem e a mulher. Assim, Castiglione reconhece a necessidade das mulheres no mundo, não apenas como responsáveis pela procriação, mas como elementos fundamentais para o equilíbrio da natureza e mesmo do Universo.¹⁴ Esse equilíbrio era essencial para que os objetivos humanistas de elevação do espírito fossem atingidos. Segundo Pereira, a união que leva a esse equilíbrio ocorre principalmente, através do amor, que não era preciso necessariamente ser vivenciado fisicamente, resultando em herdeiros. Neste sentido não bastaria

¹² PEREIRA, Ana Paula Martins. **Um ideal de perfeição: O Cortesão e as cortes renascentistas italianas no início do século XVI**. Curitiba, 2008. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Paraná, 2008, p. 40.

¹³ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 202-203.

¹⁴ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 213.

apenas que as mulheres fossem interpretadas somente mediante análise de seus corpos. Era preciso também considerar nas relações de sociabilidade na corte as virtudes femininas.¹⁵

No que se refere às virtudes, a obra de Castiglione defende que a perfeita dama palaciana deveria possuir virtudes análogas às masculinas, como a honra, a coragem, a honestidade. Deste modo, as mulheres poderiam se assemelhar aos homens em sua dignidade, alimentando virtudes, como a nobreza e a graça, e evitando os vícios e, sobretudo, a afetação.¹⁶ Quanto à aparência, **O Cortesão** define que as mulheres deveriam ser delicadas, ternas e repletas de feminilidade. Esta aparência deveria ser expressa em todos os ofícios femininos, sejam em espaços públicos ou privados.¹⁷ Deste modo, a perfeita dama palaciana era a mulher que detinha extrema dedicação e cuidado com sua aparência tanto na busca do seu enriquecimento espiritual, como em atividades próprias ao gênero feminino, tais como seus papéis de mãe, de esposa ou filha, fundamentais para o desenvolvimento na sociedade renascentista.

Em passagens rápidas do texto, Castiglione também discursa a respeito do papel desempenhado pela perfeita dama palaciana na administração da casa. Neste sentido, o autor defende que as mulheres deveriam saber administrar os bens do marido, a casa e os filhos quando casada.¹⁸ Desta maneira, percebe-se que ainda que valorize a educação feminina, **O Cortesão** não deixa de considerar, em meio a tantos atributos, que a perfeita dama palaciana também deveria dedicar-se aos deveres domésticos e sociais atribuídos às mulheres no período.

Essa questão dos deveres sociais desempenhados pelas mulheres pode ser vinculada a forma de educação que as mesmas recebiam. No interior das cortes principescas as mulheres eram educadas desde a infância para conhecer seu lugar na sociedade. Para os defensores dos discursos misóginos, esta educação deveria acontecer compreendendo ao menos a leitura e o catecismo. Desta maneira, de acordo com Maria de Lurdes Crispim, a religiosidade pode ser

¹⁵ PEREIRA (2008), **op. cit.** p. 46.

¹⁶ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 190.

¹⁷ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 212.

¹⁸ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 192.

vista como a responsável pelo primeiro passo na educação das moças. Esse tipo de educação, não visava o enriquecimento cultural, no sentido da mulher conhecer as ciências e as artes, mas sim seu direcionamento moral e religioso, sendo um instrumento para a difusão da fé.¹⁹

A obra de Baldassare Castiglione pode ser vista como um exemplo dessa preocupação com a educação feminina. Entretanto, ao contrário do que defendiam seus antecessores, o autor centrou sua proposta em uma educação que visava à aquisição de conhecimento. Assim, a perfeita dama palaciana apresentada n' **O Cortesão** deveria saber mais que apenas ler. O conhecimento que as mulheres deveriam adquirir, segundo a obra, seriam voltados a torná-las habilitadas a receber convidados de modo a conversar de maneira a perceber a qualidade daquele com quem fala. Castiglione defende a perspectiva de que, para entreter gentilmente a seus convidados, as damas deveriam ser informadas e saber, ao falar, escolher coisas adequadas à condição daquele com quem fala.²⁰

Desta forma, Baldassare Castiglione defende que a perfeita dama palaciana deveria ser instruída nos conhecimentos humanistas para que sua convivência com os homens se tornasse agradável. Assim, o ideal de educação feminina defendido nas páginas d' **O Cortesão** supera projetos anteriores, voltados apenas a instruir as mulheres em sua a formação como boas donas de casa, esposas dedicadas ou boas mães e filhas.

Considerações Finais

As mulheres foram, durante muito tempo, deixadas na sombra da história,²¹ afirmam Georges Duby e Michele Perrot no terceiro volume de sua obra **História das Mulheres no Ocidente**. Perspectivas semelhantes à defendida pelos autores em relação à história feminina vigoraram durante muito tempo no interior da tradição historiográfica, não somente no que se refere aos estudos sobre a

¹⁹ CRISPIM, Maria de Lourdes. Introdução. In: PIZAN, Christine de. **O Livro das Tres Vertudes: a Insinuação das Damas**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002, p. 21.

²⁰ CASTIGLIONE (1997), **op. cit.**, p. 232.

²¹ DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). **História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna**. Vol. III. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 7.

transição da Idade Média para a Modernidade como em trabalhos destinados a investigar outros contextos.

Embora a passagem do Medievo para a modernidade tenha produzido obras como **O Cortesão**, raras foram os textos que chegaram até nós apresentando as mulheres como seguidoras do caminho da erudição. E aquelas que se dedicaram ao ofício das letras enfrentaram o preconceito dos próprios humanistas, que embora considerassem necessário que as mulheres possuíssem certo nível de educação, também pensavam que uma instrução demasiado elevada as tornaria as damas masculinas e desagradáveis. Isto significa que se por um lado, nas teorias humanistas, o conhecimento era visto como algo necessário para o crescimento do ser humano, independente de gênero, por outro os hábitos e costumes criavam uma barreira para que fosse aceito um ideal feminino dedicado às ciências e às artes.

Deste modo, acreditamos que obras como **O Cortesão** podem ser vistas como notáveis no que diz respeito a uma tomada de consciência da situação feminina em oposição à tradicional imagem da mulher enquanto um ser menosprezado e desprovido de inteligência. As páginas desse tratado aborda e revela a valorização da figura e das capacidades intelectuais femininas em um contexto ainda marcado pela suspeita e por uma visão bastante depreciativa em relação às mulheres, tanto do ponto de vista teológico e clerical, quanto do ponto de vista laico.

Referências bibliográficas

- BONNEAU, Alcide. Os livros de civilidade desde o século XVI. In: **A Civilidade Pueril**. Lisboa: Estampa, 1978.
- BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento na Itália**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BURKE, Peter. **As fortunas d'O Cortesão**. São Paulo: UNESP, 1997.
- CASTIGLIONE, Baldassare. **O Cortesão**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CORREIA, Licínia Maria da Trindade. **A Insinuação das Damas - Formas de Poder Feminino no século XV (o caso de Isabel de Lencastre)**. Lisboa, 2013. Dissertação de (Mestrado em História) – Universidade Nova de Lisboa, 2013.
- DELUMEAU, Jean. **A civilização do Renascimento**. Lisboa: Stampa, 1989.

DUBY, Georges (org.); PERROT, Michelle (org.). **História das Mulheres no Ocidente: A Idade Média**. Vol. II Coimbra: Afrontamento, 1990.

DUBY, Georges. **Idade Média, idade dos homens, do amor e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia da corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FERREIRA, Letícia Schneider. Gênero e feminino no medievo: o Sacramento do Matrimônio na obra de Martin Perez. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**. São Paulo: ANPUH, julho 2011.

GOVASKI, Patrícia. **A valorização da figura feminina nas obras de Cristina de Pizán e Baldassare Castiglione (1403-1528)**. Curitiba, 2014. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Paraná, 2014.

HUIZINGA, Johan. **O declínio da Idade Média**. Lisboa/Rio de Janeiro: Editora Ulisséa.

MACHADO, Maria Cristina Gomes. **Pensando com Norbert Elias: a construção do conceito de civilidade**. Maringá: texto no prelo para publicação, 2011.

NERI, Christiane Soares Carneiro. Feminismo na Idade Média: conhecendo a cidade das damas. In: **Revista Gênero e Direito**, ed. 3, 2013.

PEREIRA, Ana Paula Martins. **Um ideal de perfeição: O Cortesão e as cortes renascentistas italianas no início do século XVI**. Curitiba, 2008. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Paraná, 2008.

PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. **A arte de receber: distinção e poder a boa mesa – 1900-1970**. Curitiba, 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, 2004.

PIZAN, Christine de. **O Livro das Três Vertudes: a insinância das damas**. Edição Crítica de Maria de Lourdes Crispim. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: **História da Vida Privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 3, p.169 – 210.

RIBEIRO, Renato Janine. **A etiqueta no Antigo Regime: do sangue a doce vida**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, n.15, p.5-22, 1990,

SOUZA, Daniele Shorne de. **A Cidade das Damas e seu tesouro: o ideal de feminilidade para Cristina de Pizán na França do início do século XV**. Curitiba, 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, 2013.

TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social. In: **Cadernos Pagú**, ed. 3. Campinas, 1994.

TOMÉ, Dyeinne Cristina. **Modas e Modos: os manuais de instrução feminina e a educação da mulher**. Maringá, 2013. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá, 2013.

WOLF, Philippe. **Outono da Idade Média ou Primavera dos Tempos Modernos?** São Paulo: Martins Fontes, 1988.